

SEMINÁRIO SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

TESE apresentada pela Comissão de Gestão
da FACULDADE DE MEDICINA de Coimbra

COIMBRA
1974

S U M Á R I O

- I - Razões e necessidade das Experiências Pedagógicas
- II - Tipos de experiências nas Cadeiras Básicas Clínicas
- III - Críticas e Conclusões

RAZÕES E NECESSIDADE DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

I

A compreensão da necessidade e do funcionamento posterior das experiências pedagógicas que tiveram lugar na faculdade de Medicina de Coimbra, bem como das movimentações estudantis que lhe estiveram na base, passa obrigatoriamente por uma análise, mesmo suscinta e incompleta, da situação da Faculdade, da Universidade e de todo o aparelho escolar, nos últimos anos da ditadura fascista.

Nestes anos assistiu-se à propagação e à aplicação de facto de um conjunto de medidas denominadas genericamente "reforma Veiga Simão" através das quais o Governo de Caetano procurou responder por um lado às lutas dos estudantes portugueses e às aspirações populares por uma Reforma Democrática do ensino, por outro lado às necessidades crescentes de uma força de trabalho qualificada e à transmissão de uma perspectiva ideológica menos anacrónica, mais desenvolvimentista.

Através dessas medidas materializava-se um tipo de Escola em correspondência - melhor ou pior - com a dominação da burguesia monopolista sobre a sociedade portuguesa.

Com as suas especificidades próprias, a Universidade era um instrumento de um Estado repressivo, um instrumento de dominação de classe.

O que a história do movimento estudantil sempre demonstrou e com particular agudeza nos últimos três anos, foi que a repressão das massas trabalhadoras através da utilização da Universidade como instrumento ideológico do Estado, era indissociável da repressão às massas estudantis.

II

Essa repressão exercia-se (e isto é verdade para esta Faculdade e para toda a Universidade) não só através de mecanismos a que chamaremos institucionais (próprios da Escola, exercidos através das práticas escolares) mas também de mecanismos extra institucionais. Dos segundos citaremos a repressão sobre a Associação de Estudantes, os grupos culturais estudantis, cooperativas e sociedades recreativas, todas as actividades extra-escolares através das quais se fazia tradicionalmente a "educação" do estudante Coimbrão; as cada vez mais frequentes incursões da polícia na Faculdade: invasão do Salão Nobre, do Instituto de Fisiologia, do átrio anexo ao Instituto de Farmacologia em 1971, contróle a uma frequência de Química Fisiológica em 1972, ameaças de intervenção em 1973 aquando do funcionamento de uma votação no Bar; os decretos que faziam defender o adiamento militar do bom comportamento e aproveitamento escolar.

Os primeiros, mecanismos institucionais, são os que mais nos interessam para este trabalho: consistiam eles no conjunto das actividades escolares, aulas teóricas/aulas práticas, exames, calendário escolar. O que a imediata revolta dos estudantes contra o conjunto destas práticas veio prover foi que era através delas que se exercia o essencial da repressão estudantil, que a própria inculcação da ideologia dominante (e isto aplica-se a todas as faculdades técnicas) era delas inseparável.

O sistema-de ensino existente na Faculdade até 25 de Abril, tinha como ponto fulcral o exame-final. O exame-final era feito pelo professor catedrático ou em qualquer dos casos pelo respon-

sável maior da cadeira. O ensino assentava na dignidade suprema deste acto decisivo. Não importava que todo o "ano lectivo" tivesse sido profundamente indigno (mesmo se considerarmos a dignidade dentro das pautas morais dos apologistas do ensino que caracterizamos), que as aulas teóricas tivessem sido o papaguear do livro e repetição inevitável da aula dada no ano anterior, não interessava que ao Prof. faltassem as mínimas qualidades pedagógicas, nada interessava se na seriedade do exame, prova de verdade, o aluno era finalmente avaliado e classificado.

O absentismo ultimamente registado era espectacular. Muitas aulas teóricas (onde a frequência era facultativa) não registavam sequer a presença de 10% dos alunos. Nos últimos anos, do curso em que a selecção praticamente já não existia, o absentismo estendia-se às aulas práticas. Mas nada garantia ao aluno submisso e gozado, que religiosamente tivesse cumprido o calendário escolar, que tivesse estado presente em todas as aulas teóricas/e práticas, melhor sorte do que a daquele outro cuja escolaridade consistiu em um mês antes do exame ter lido os apontamentos do mestre ... em casa.

Dirão que nos demoramos tempo de mais na caracterização de uma situação já demistificada. Fazêmo-lo propositadamente por duas razões:

1) Este tipo de ensino assentava numa determinada selecção, hierarquia e organização do corpo docente. Que no essencial se mantêm.

2) Este tipo de ensino só podia existir e manter-se à custa do mais profundo autoritarismo. O autoritarismo interveio sempre para que as práticas escolares não fossem questionáveis (os exames, os testes, as apresentações não eram para serem discutidas, eram para ser feitos). A contrapartida da aparente normalidade de funcionamento da Faculdade era a espantosa repressão sobre o direito de reunião e associação dos estudantes, sobre as suas capacidades críticas. O produto acabado desta Faculdade era o estudante irresponsável, manhoso, desinteressado de outra coisa que não fosse o seu futuro pessoal. Concluindo:

Em Abril de 1974 as estruturas materiais da Faculdade de Medicina de Coimbra podiam funcionar apenas no quadro de um abstencionismo generalizado e de um autoritarismo exercido a todos os níveis:

III

Depois da queda do fascismo o enorme potencial existente na Faculdade libertou-se. Os professores começaram a reunir. O quadro político geral do país paralisou os elementos reaccionários e nas assembleias impuseram-se e foram eleitos os professores mais progressistas. Os alunos reuniram. Muito deles (caso do 1º, 2º, 3º anos que juntos prefazem quase 2/3 da Faculdade) fizeram-no pela primeira vez na sua vida. Aprenderam o associativismo e diferentes normas de vida ao mesmo tempo que na ordem do dia se punha a tarefa de construir na Faculdade uma nova ordem democrática.

O que foi espantoso em todos estes meses foi que este não era um problema teórico para o uso especulativo de estudiosos de gabinete ou vanguardas estudantis mas um problema que tocava a vida particular de cada aluno. Os problemas gerais saíam assim já contaminados com os interesses pessoais ou de grupos de alunos.

A construção de uma ordem democrática na Escola era inseparável de alterações nos processos de aprendizagem e de avaliação de conhecimentos. O exame tradicional foi imediatamente repudiado, num espaço de tempo muito limitado, na ignorância de experiências históricas anteriores no seio de um debate muito rico e participado mas cheio de ambiguidades. Ambiguidades porque o carácter de emergência das soluções a adoptar impediu uma análise em profundidade dos problemas da escola o que prejudicou a correcção das medidas tomadas, porque a Universidade continua afastada das populações, o ritmo popular não lhe chega, os reaccionários tendem a tratar como pedagógicas, técnicas e administrativas questões que são políticas ou que pressupõem um amplo debate político através do

qual se definem posições, ambiguidades finalmente pela grande ignorância sobre a situação do ensino, meios e recursos e o que é mais geral a das estruturas hospitalares ligadas ao ensino.

As soluções encontradas obedecem em todos os casos a 2 objectivos: quebrar as práticas escolares, anular o poder discricionário dos professores na avaliação de conhecimentos e assegurar a passagem de ano cumpridos requisitos de assiduidade e interesse; desenvolver trabalho e recusar a paralização da Faculdade.

Hoje compreendemos também que uma nova ordem na Faculdade, dependente como está das transformações profundas da sociedade Portuguesa, do papel que as classes trabalhadoras vieram a tomar, da colocação do aparelho escolar ao seu serviço, depende no imediato de um novo papel social, conferido aos estudantes e que estes têm de conquistar. Novos valores têm de substituir os antigos: responsabilidade, análise crítica espírito construtivo e associativismo.

Aliança fraterna com os professores progressistas no saneamento da Faculdade, no desmascaramento de situações de privilégio e de propostas "neutras" através das quais estas se perpetuam.

TIPOS DE EXPERIÊNCIAS NAS CADEIRAS BÁSICAS E CLÍNICAS

II

Nos seus princípios gerais e factores determinantes as experiências pedagógicas em curso nas cadeiras básicas e clínicas foram definidas numa proposta da CPG aprovada em plenário de Faculdade. "Linhas gerais sobre a reestruturação do ensino na Faculdade de Medicina e formas de avaliação de conhecimentos" era o título genérico da referida proposta cujos considerandos transcrevemos:

1º Na situação actual e como princípio geral (que pode ter excepção a serem definidas em cada caso por docentes e estudantes), as formas clássicas de avaliação de conhecimentos - OS EXAMES - deixaram de ser a forma preferencial de selecção.

As modificações já verificadas a todos os níveis da vida académica e fundamentalmente a recente institucionalização das CPG democraticamente eleitas criaram as condições para uma imediata e radical alteração dos métodos de avaliação de conhecimentos, liquidando neste domínio a herança do fascismo.

2º A CPG considera seu dever combater e chamar os estudantes ao combate contra todas as formas de oportunismo que visem desorganizar o ensino através de soluções de "facilidade" criar o caos na sua escola e desenvolver sentimentos de irresponsabilidade social entre os estudantes.

Considera que isso seria fazer o jogo da reacção.

Considera que a única posição justa e adequada às transformações que se verificam no nosso país, é fomentar a melhoria radical do ensino médico reestruturando-o e modificando-o a todos os níveis; para atingir estes objectivos é essencial a participação ampla e organizada de todos os estudantes e docentes progressistas.

3º Há que passar imediatamente à reestruturação de todas as cadeiras, que para isso devem criar desde já e a todos os níveis comissão de docentes e discentes porque não basta que as propostas que continuamente chegam CPG sejam bem intencionadas e reflectam justas preocupações dos estudantes.

É preciso que atendam à situação concreta da Faculdade e não conduzam à sua paralização?

Discutidas e aprovadas nos diversos cursos estas linhas gerais sobre a reestruturação imediata das cadeiras tanto básicas como clínicas e posteriormente submetidas a apreciação e notação dum Assembleia de Faculdade, consubstanciavam pois o pensar generalizado da massa estudantil e elementos do corpo docente.

Esta afirmação de princípios que continuamos a considerar correcto tendo na altura concitado o aplauso geral e quase unânime nem sempre foi integralmente cumprida como a seu tempo analisaremos.

As experiências Pedagógicas realizadas na Faculdade de Medicina no fim do Ano lectivo de 73/74 vieram introduzir, como inovação fundamental no ensino médico, o Método de Cursos Intensivos. Dadas as características dos mesmos, designadamente a pretensão de superar os métodos clássicos e arcaicos de aprendizagem e avaliação de conhecimentos - os tradicionais e contingentes exames, novos métodos pedagógicos e de avaliação, foram ensaiados.

- A efectivação deste plano decorreu durante os meses de Junho, Julho, Setembro, Outubro e

Novembro, mediante o sistema de Grupos de trabalho de frequência obrigatória, integrando um número limitado de alunos e orientado nalgumas cadeiras por um docente, constituindo assim, uma unidade funcional de trabalho e inerente avaliação contínua.

O trabalho nesses grupos deveria ser dinâmico e intenso, por forma a permitir:

- a) Avaliação individual, quer de docentes quer de discentes através de critérios de interesse e participação efectiva. Dum real trabalho de conjunto deveria resultar uma melhor aquisição de conhecimentos.
- b) Avaliação colectiva de cada grupo de trabalho e da sua responsabilidade nos rendimentos individuais de todos os elementos.
- c) Crítica do próprio método de trabalho, com vista à permanente reestruturação e adaptação das necessidades de ensino em cada cadeira.

O resultado do rendimento individual de cada aluno, feito de acordo com os critérios mencionados no número anterior, seria expresso em 2 categorias: apto e não apto.

Nas cadeiras onde não fosse materialmente possível a efectivação de grupos de trabalho, teriam as respectivas Comissões Pedagógicas de propor um critério de avaliação de conhecimentos justo e adequado.

Nas cadeiras básicas dada a sua natureza teórica e laboratorial, pretendeu-se instituir:

- a) Aulas teóricas dinâmicas com projecção de slides e filmes e com o objectivo de em termos sintéticos apresentarmos uma visão rápida e de conjunto das matérias versadas.
- b) Aulas práticas em que se desse relevância de facto ao aspecto operativo em contraposição ao aspecto teórico que na maioria das vezes as caracterizava.
- c) Participação activa dos alunos tendo em vista a substituição do seu habitual papel de passividade desinteressada pela estimulação e desenvolvimento da "capacidade crítica" e "sentido de responsabilidade" e "faculdade observação".
- d) Apresentação de trabalhos, temas e monografias com discussões e debate dos mesmos.
- e) Estimulação da crítica e autocrítica em cada unidade de trabalho.

Nas cadeiras clínicas, em consequência do número exagerado de alunos, mesmo nas aulas ditas práticas e da escassez do tempo para cada aluno se abeirar do doente, estas aulas tinham pouco valor demonstrativo e apenas um valor informativo, de que resultava um ensino fundamentalmente teórico em detrimento do ensino prático e clínico.

Face à possibilidade de realização de experiências pedagógicas - Curso Intensivo, com modulações dispersas consoantes as Cadeiras, de uma maneira geral pretendeu-se nos Cursos Clínicos:

- a) Constituição de turmas práticas com um número reduzido de alunos (6 a 10).
- b) Ensino à cabeceira do doente.
- c) Organização de grupos de trabalho para estudo domiciliário.
- d) Ensino e discussão em grupo.
- e) Exposição teórica de temas com discussão geral.

Conforme os planos elaborados pelos alunos, estes eram divididos em pequenos grupos. Uns integravam-se no trabalho de rotina do serviço, outros trabalhavam no período da tarde realizando as visitas das enfermarias após o que nas reuniões de grupo debatiam os temas do programa.

De uma maneira em geral o grupo tinha como tarefas práticas: a rotina de enfermaria, consultas externas, serviço de enfermagem, seguimento do doente desde o internamento pré-operatório, operatório, pós-operatório; e como tarefas teóricas - mesas redondas, sobre casos clínicos e matéria

programada.

Dos Cursos Intensivos resultaram aspectos positivos e negativos.

Aspectos positivos:

Nas cadeiras Básicas:

- Conseguiu-se abolir as aulas "magistrais", caracterizadas por um forte absentismo e transforma-las em aulas teóricas dinâmicas e amplamente participadas e dar um cunho mais místico à algumas cadeiras.

- Nas cadeiras clínicas

- Noção mais concreta do funcionamento do serviço, sua dinâmica e suas carências.

- Maior familiarização no diálogo com os doentes, evidente nos seus ângulos psicológicos e sociais (nas enfermarias e nas consultas externas).

- Treinos activos em actos médicos e de enfermagem.

- Benefícios inerentes ao estudo único de uma disciplina e, conseqüentemente, à frequência de um só serviço clínico, em relação às características dispersivas de um estudo simultâneo de várias cadeiras.

- Maior consciencialização quanto à estratégia geral do acto médico.

- Útil convívio e camaradagem entre docentes e discentes com quebra das barreiras tradicionais.

Aspectos negativos:

Não se desenvolveu tanto como se pretendia o sentido de trabalho de grupo e o sentido crítico dos alunos. O número insuficiente de docentes teve como consequência a dispersão fraca rentabilidade do trabalho dos sub-grupos.

Riscos inerentes ao estudo temático em regime intensivo tais como: excessiva discussão dada matéria medieval (estudo unidireccional, em relação a dado aparelho), eventuais dificuldades de integração da matéria no todo das ciências clínicas, devendo a medicina ser como um todo global. Risco de se considerar conhecidas as cadeiras após o curso intensivo, com a tentação resultante de um desinteresse ulterior pela matéria em causa.

- Obtenção pelos alunos de uma variedade de casos clínicos relativamente restrita, por ter sido condicionada à curta duração do curso intensivo.

- Impossibilidade, durante a experiência de se obviar a estes inconvenientes com as técnicas complementares aconselhadas, de natureza integradora.

- Realização de colóquios clínico-radiológicos e medico-cirúrgicos.

- Realização de sessões interdisciplinares.

Repercussões sobre o funcionamento do serviço:

a) Plétora permanente do serviço pelos alunos, com interferência na assistência normal aos doentes por parte dos docentes.

b) Exclusiva dedicação dos docentes, diariamente empenhados no acompanhamento total dos alunos.

c) Prejuízo de estudos em curso, nomeadamente da investigação clínica.

- Pouca eficiência de algumas sessões teóricas dadas a impreparação do corpo discente.

- Curta duração dos Cursos e conseqüentemente impossibilidade de versar conscientemente um número suficiente de casos clínicos.

A PROPÓSITO

Da criação de uma nova mentalidade científica suscitada pelas novas condições objectivas da terminadas pelas alterações na instância política ocorridas após o 25 de Abril, deve referir-se a preocupação de análise das deficientíssimas e precárias condições MÉDICO-SANITÁRIAS a que está votada a grande maioria da população portuguesa, como consequência de opressão e exploração do capi-

talista agravada pela forma extrema de que este se vinha revestindo entre nós - DITADURA FASCISTA.

Nomeadamente na cadeira de PARASITOLOGIA aprova-se uma proposta que embora não cumprida pela impossibilidade material do momento não deixa de ser significativa como exemplificativa duma nova atitude do estudante face às realidades do povo português.

"1) que em cada doença estudada seja dada prioridade no seu estudo à análise das condições que permitem a existência dessa doença em Portugal.

2) Que sejam analisadas as medidas a tomar para levar à irradiação dessa doença.

3) Que sejam analisadas as suas implicações políticas.

4) Que da discussão sejam apresentadas conclusões, considerando-se já que esse trabalho deve ser uma tomada de posição clara do curso no que respeita às PARASITÓSES em Portugal e um contributo válido ao seu combate e, para além disso, uma tomada de posição sobre o que deve ser uma política sanitária no nosso país".

Ainda neste ponto é de referir que para dar ao aluno um certo contacto com os problemas sanitários das populações foi proposta a sua participação organizada em rastreios ou inquéritos sanitários nos agregados rurais. Estes rastreios e inquéritos podiam constituir a base de trabalho estatístico para análise das causas sócio-económico-políticas dos parasitoses e bacteriosas.

CRÍTICA E CONCLUSÕES

III

As experiências pedagógicas que foram recurso visavam, contudo, também abrir novos caminhos numa chamada de responsabilidade participante de toda a Faculdade.

Como recurso, tornaram-se indispensáveis, dado que a brusca alteração sócio-política teria de repercutir-se na Universidade também bruscamente e não deixava mais que uma de duas alternativas: passagem administrativa com os conhecidos inconvenientes, ou adopção rápida de soluções necessariamente imperfeitas, mas com aspectos positivos que conviria explorar ao máximo.

Do que se fez, e ficou dito, facilmente se sumaria o que se conseguiu nesta vertente favorável, ao mesmo tempo que se deixam a descoberto inconvenientes.

O balanço geral todavia julgamo-lo satisfatório, pois houve sempre aproveitamento, ainda que bem distante do ideal, evitaram-se a paralização da Faculdade e as passagens administrativas e os próprios erros assim evidenciados melhor permitem correcção futura.

No abrir de novos caminhos, detectaram-se obstáculos (docentes, discentes, funcionários, orgânica e circunstancialismos materiais emperrantes), passagens difíceis (burocracia a todos os níveis), cruzamentos perigosos (que surgiam da direita ou da esquerda mas nem sempre provenientes do lado por que se apresentam pois haviam passado subterraneamente através de túneis), excesso de trânsito (acumulação de discentes e de problemas que se foram juntando ao longo do ano e dos anos anteriores), ultrapassagens perigosas (com saídas de mão oportunas para eles mas imprevistas porque acostumados a rodar sempre bem à direita subitamente guinavam à esquerda a ganhar posições na fila de marcha), e maus volantes (não só entre docentes mas também entre discentes o que é até mais perigoso e desanimador pois é que por eles e para eles que se tentou o novo caminho).

Não pôde evitar-se que o nível geral de aquisição de conhecimentos fosse, em muitos casos, bastante fraco. Valeu que se tratasse de alunos que, apesar de todos os inconvenientes do sistema pedagógico em que os tinham inserido, não estavam totalmente fora das matérias. Nas disciplinas ditas básicas o principal inconveniente da experiência residia na própria natureza delas que as tornava de mais fácil adaptação ao novo sistema, enquanto que, em contrapartida, nas clínicas o principal óbice estava nas poucas possibilidades dos serviços hospitalares pelo excesso de discentes, falta de docentes, e de instalações adequadas. Tudo isto conduziu à triste realidade de que em muitas situações, nem sequer resultou a divisão de alunos em pequenos grupos.

Por sua vez, o controlo da maneira como os trabalhos decorriam, na generalidade e em particular para cada aluno ou grupo de alunos, apresentou também sérias dificuldades.

De facto, a necessidade de manter tanto quanto possível sem desvios comprometedores as directivas estabelecidas, impunha, pelo menos, um auto-controlo. Praticado em alguns cursos, teve início francamente animador mas globalmente terminou em fracasso. Só com pequenos grupos e os alunos realmente ocupados e previamente motivados se pode esperar bons resultados de método rico de perspectivas valiosas nos planos pessoais e gerais, por altamente consciencializante.

A par do auto-controlo ensaiou-se a fiscalização por aluno eleito no grupo ou rotativamente o que é melhor, por se aproximar daquele, mas que por isso tem também parte dos seus inconvenientes.

Na primeira hipótese pode cair-se, contudo na compenetração excessiva do escolhido com ares de superioridade que levam a incompreensões, conflitos e dissidências, na segunda a quebra e desigualdades mal aceites.

Finalmente, no aspecto avaliação, há que reconhecer que aí residiu o ponto mais fraco da concretização das experiências. Sabendo-se que interessa o trabalho produtivo e não qualificar este, sobretudo em critério absoluto, a verdade é que, pelo menos, nas estruturas actuais não pode deixar de se atender a critérios avaliadores ou de sondagem.

Propondo-se a avaliação contínua verificou-se que as condições do trabalho em geral, a maior ocupação e preocupação que aos docentes tal método impunha, e ainda atitudes individuais ou colectivas de discentes, torpedearam o método que na prática ou não foi bem aceite ou ficou cerceado na sua realização.

Chegou mesmo, infelizmente, a criar-se entre certos grupos de discentes, um clima contrário a todo e qualquer critério de avaliação que envolvesse docentes, os quais, seja dito de passagem, também não dispunham, em alguns casos, do mínimo de condições para tal. Para além do número excessivo de discentes em relação a docentes, essa recusa obstinada de estes aceitarem tudo o que pudesse sugerir que fosse pergunta e, sobretudo, a notória incapacidade de saírem do impasse propondo negociações de novas formas de avaliação acabaram por tornar simbólica ou abolir tal apreciação. Na segunda época, em consequência de um balanço sumário da situação, foram todavia, introduzidas algumas modificações úteis, como o uso de testes semanais, na Bacteriologia e Parasitologia.

Honestamente temos de confessar que todas estas vicissitudes seriam facilmente de prever.

Tanto docentes como discentes eram produto do ensino livresco e individualista numa sociedade burguesa. Não era, portanto, sobre tal massa, heterogénea e impreparada ou, pior do que isso, deformada e condicionada, que se podia esperar obter resultados francamente positivos. Só uma transformação e uma consciencialização de docentes e discentes num âmbito muito mais vasto do que apenas o das preocupações e problemas escolares, poderá suprir, em parte, o que deveria existir como resultado de uma formação integral e previamente iniciada desde a infância, provinda de uma inserção sã na comunidade e de uma Escola que fosse a vida e não divórcio ou segmentação desta.

Nas realidades actuais haverá que cuidar atentamente das motivações, o factor interno sempre indispensável para que os externos, isto é, todos os condicionamentos do meio, por mais favoráveis que se possam tornar, sejam verdadeiramente actuantes e eficazes.

Como os externos são fáceis de prever, e, com maior ou menor soma de esforços, concretizáveis, há que, para os não condenar à inoperância e deixá-los como no fascismo apenas no impacto de propaganda de fachada, cuidar com a maior atenção dos internos. Só a consciencialização contínua, os debates francos, a troca ampla de ideias e muito principalmente o exemplo e a participação, podem impor o necessário desmoronar de posições erradas e de preconceitos, como o da superioridade do livresco sobre a autêntica integração do homem nas realidades do povo, única maneira de atingir uma verdadeira cultura que tem pouco a ver com o que se continua a chamar cultura.